

## Galbraith: a morte de um ícone

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do  
TRF da 5ª Região

Morreu, recentemente, na cidade de Cambridge, Massachusetts, o professor John Kenneth Galbraith, um dos nomes mais respeitáveis da economia e do pensamento político dos últimos tempos.

Com ele, obviamente, desapareceu umas das mais eloqüentes páginas da história, da cultura, da literatura, do saber mundial.

Um canadense que se tomou de paixão pelos Estados Unidos da América, foi, igualmente, parceiro indispensável dos grandes instantes que fizeram a cena do século 20, em todos os continentes.

Múltiplo, aberto, polivalente, tinha, repita-se, o saber de experiência feito.

E soube usá-lo na construção de grandes metas que mudaram a roda do tempo.

Foi assim, por exemplo, no difícil período do “New Deal”, quando, como jovem economista, ajudou a combater a chamada depressão americana, como um dos formuladores da nova teoria do chamado capitalismo de resultados.

Razão, sem dúvida, tem a professora e historiadora norte-americana, Leila Suwwan, quando lembra que “Galbraith era popular professor em Harvard, com palestras que fugiam do rigor matemático e econométrico para analisar a sociedade americana, a influência de corporações, as falhas do mecanismo de mercado e o crescente problema da pobreza encoberto pela riqueza industrial e econômica no país”.

Para mudar a face e a alma da economia de mercado, escreveu o clássico ensaio – *A era da incerteza* – quando analisou, com paciência de ourives, as formulações apresentadas por Karl Marx, em *O capital*, mormente quando o teórico do socialismo científico equacionava o triunfo de suas teses, dentro do conceito, segundo o qual, o mundo seria socialista pela inexorável identificação com a máxima “de cada um, de acordo com a sua capacidade, a cada um de acordo com as suas necessidades”.

Estudante da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba, virei, uma vez, toda uma noite buscando convencer-me da tese de Karl Marx, segundo a qual “o socialismo haveria de triunfar no cerne do capitalismo em evolução”.

A história mostrou que o parceiro de Engels, no Manifesto Comunista, de 1848, estava totalmente errado.

As grandes nações capitalistas – Estados Unidos, Inglaterra, França, Japão – nunca se transformaram em países de economia planificada.

Ao contrário, o comunismo só venceu em nações pobres e rurais: Rússia, China, Cuba, etc.

A queda do Muro de Berlim demonstrou, porém, a fragilidade do modelo comunista.

Se eu tivesse lido antes Galbraith, não teria violado alta madrugada mastigando *O Capital*.

Autor de livros monumentais, como *A sociedade afluyente*, *O novo Estado industrial* e *A economia e o objetivo público*, Galbraith foi conselheiro econômico de Franklin Delano Roosevelt, no seu terceiro mandato (1941-1945), embaixador de John Kennedy, na Índia (1961-1964), tendo elaborado parte do programa político de Lyndon

Johnson, com quem rompeu por discordância em relação à Guerra do Vietnã.

A sua última função foi a de consultor do ex-presidente Bill Clinton.

Frasista emérito, é autor de sentenças memoráveis, como aquela definidora de dinheiro: “dinheiro é uma coisa singular. Ele está lado a lado com o amor como um dos grandes motivos para a alegria humana. E da morte como grande fonte de ansiedade”.

Um ícone, pois, comprometido com a liberdade, a democracia e a dignidade social, recebendo as homenagens da história.